

Título: Nos pântanos da África Central

Veículo: O Globo - RJ **Seção:** Prosa & Verso **Centimetragem:** 0

Página: 2

Data: 20/11/2010

Valor: 0

Sudd, de Gabi Martínez, tradução de Mario Fondelli, Editora Rocco, 336 páginas, R\$ 53,50

Elias Fajardo

O personagem principal deste romance do escritor catalão Gabi Martínez é o pantanal da África Central, uma das maiores áreas alagadas do mundo, com seus meandros enganadores, no qual enormes massas vegetais dificultam a navegação. As margens e a terra firme parecem apenas uma miragem neste labirinto de fronteiras mofedidas onde homens e animais se perdem e se acham, uma metáfora viva que o autor compara à imensidão gelada dos pólos, vórtice devorador de esperanças de aventureiros e de pessoas comuns. Ultrapassar o labirinto aquático sem GPS é bem mais difícil do que encarar as 50 primeiras páginas do romance, nas quais Martínez — autor da novela "Ático", de livros de viagens e outras obras que o tornaram uma referência no jornalismo literário espanhol — apenas arma situações e engendra personagens. Quanto mais ele se afasta do jornalismo enquanto registro perci-

vel de situações e cenários, mais sua narrativa ganha em interesse. E isto ocorre não exatamente pela carpintaria dramática, mas por que dela emergem momentos de dolorida humanidade. Uma viagem programada para ser um veículo de integração nacional e internacional num país africano que se recutera após uma guerra sangrenta torna-se um pesadelo, a bordo de uma nau de desesperados onde há espaço para intrigas, mortes, desejo, preconceitos, estranhamentos mútuos e barganhas de todos os tipos. O homem é sempre o lobo do homem quando a água e a comida se tornam escassas, ou a alegria e a solidarie-

[FICÇÃO] [FICÇÃO] [FICÇÃO]

Nos pântanos da África Central

Em romance de Gabi Martínez, o multiculturalismo vai parar num atoleiro

dade podem também acontecer em meio ao sufoco? É possível haver entendimento e amizade entre seres de raças e nacionalidades diferentes, ou as relações entre eles são inevitavelmente marcadas pelas diferenças culturais e por interesses econômicos e políticos? O que é mais temível: as dificuldades objetivas que uma situação limite coloca para aqueles que a vivenciam ou o medo e as fantasias que se desenvolvem a partir delas? Essas são algumas das questões levantadas, principalmente, através do narrador, um tradutor espanhol que manipula palavras para aparar arestas entre a tripulação do navio ou para

aprofundá-las. A linguagem, o instrumento básico de comunicação, funciona aqui também como uma ferramenta de poder e de barganha financeira, mas esse poder pode ser esvaziado com a mesma facilidade com que o sol evapora as águas barrentas do rio.

Na extensa galeria de figuras exóticas de "Sudd" destacam-se uma bióloga francesa

"HÁ MOMENTOS EM QUE O IMPENSÁVEL DÁ UM PASSO ADIANTE e toma corpo na consciência, assumindo outra dimensão. Quando, por exemplo, achamos que um homem possa nos devorar. Quando os pesadelos e a ficção das histórias em quadrinhos, os contos, as notícias referentes a lugares distantes se apresentam como parte da realidade, quando a emoção e o pavor acumulado ao longo dos anos, as conjecturas alinhavadas como que num jogo coincidem. Tudo se torna uma coisa só, e aquilo que no começo era fulgurante diversão transforma-se pouco a pouco em inquietação que lateja à espera da sua hora."

Trecho de "Sudd", de Gabi Martínez

gay e mal humorada; Wad, um negro enorme, ex-guerrilheiro acusado de matador implacável e acometido de um desejo intenso de não matar mais; Aschuk, uma pintora egípcia que se mantém escondida no camarote guardado zelosamente por Wad; Osman, um político árabe hábil e disposto a explorar a seu favor todas as vicissitudes da viagem; Chang,

um chinês ocidentalizado e sedutor, o comandante do navio e sua filha Leila, que se inicia nas artes da navegação e usa nela a habilidade que adquiriu manejando videogames. O navio encalha entre duas ilhas e o suspense cresce. Quem irá retirar sua tripulação de uma armadilha que parece fatal: o trabalho coletivo e braçal de tentar abrir caminho em meio a uma vegetação intrincada; a esperteza das lideranças ou daqueles que pretendem liderar ou, finalmente, os próprios desígnios da natureza, que paira acima de todos, indiferente às súplicas e ao desejo de tentar dominá-la? Um dos pontos altos do romance se dá justamente quando o navio encontra uma comunidade perdida que vive no pantanal praticamente sem contato com o resto do mundo. De um lado, a miséria dos tripulantes à deriva no grande charco; de outro, o olhar curioso dos nativos que aprenderam a viver na água, num cemitério de navios, às custas dos restos que a civilização abandonou ou perdeu e que eles aprenderam a utilizar e a lazer frutificar. ■

um chinês ocidentalizado e sedutor, o comandante do navio e sua filha Leila, que se inicia nas artes da navegação e usa nela a habilidade que adquiriu manejando videogames.

O navio encalha entre duas ilhas e o suspense cresce. Quem irá retirar sua tripulação de uma armadilha que parece fatal: o trabalho coletivo e braçal de tentar abrir caminho em meio a uma vegetação intrincada; a esperteza das lideranças ou daqueles que pretendem liderar ou, finalmente, os próprios desígnios da natureza, que paira acima de todos, indiferente às súplicas e ao desejo de tentar dominá-la?

Um dos pontos altos do romance se dá justamente quando o navio encontra uma comunidade perdida que vive no pantanal praticamente sem contato com o resto do mundo. De um lado, a miséria dos tripulantes à deriva no grande charco; de outro, o olhar curioso dos nativos que aprenderam a viver na água, num cemitério de navios, às custas dos restos que a civilização abandonou ou perdeu e que eles aprenderam a utilizar e a lazer frutificar. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista e escritor